

#LEIAMULHERES: Uma Reflexão Sobre o Mal-Estar no Patriarcado e a Cura Pela Fala Feminista na Educação

Raysa Carvalho
*Estudante da graduação em Pedagogia,
Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.
raysa_carvalho@discente.ufg.br*

*Simpósio Temático nº 08 - COMBINARAM NOS MATAR, MAS NOS COMBINAMOS NÃO
MORRER: TROCAS DE SABERES RESISTENTES*

Resumo

Diante da cultura patriarcal que se manifesta em diversas violências cotidianas, é urgente pensarmos em novos processos de educação e desenvolvimento do sujeito e da cultura. Ainda mais no contexto da Síndemia do Sars-Cov-2, onde a crise sanitária e econômica agigantou as assimetrias de gênero, com a diminuição da participação de mulheres no mercado de trabalho formal, na sobrecarga do cuidado não-remunerado e na agudização da violência e dos feminicídios. Sendo assim, é possível mudar essas realidades a nível do sujeito e da cultura? Norteadas por esta reflexão, esta produção propõe o diálogo entre diversos conceitos, através de uma revisão bibliográfica, com o objetivo de elucidar aspectos machistas presentes na cultura e suas implicações sobre a constituição das pessoas e da limitação dos desejos. Recorremos às discussões sobre gênero, de Judith Butler (2019), evocando também a conceituação de cultura e das relações sociais descritas por Freud em “o mal-estar na civilização” (1930) entre outras obras. Como vislumbre de mudanças, é traçado um paralelo entre o método psicanalítico da cura pelas palavras, desenvolvido por Freud, com a insurgência de uma epistemologia feminista a nível social e educacional defendida por Margareth Rago (2019), onde o incentivo à valorização das obras escritas sob as óticas dos feminismos podem impulsionar-nos na superação das práticas machistas que causam sofrimentos ao sujeito e a sociedade, contribuindo para a construção de novas referências de humanidade e respeito, por intermédio de uma cultura feminista.

Palavras-chave: Educação Feminista. Epistemologia Feminista. Mal-Estar Na Civilização. Cultura Patriarcal. Gênero.

Abstrat

Faced with a patriarchal culture that manifests itself in various daily violence, it is urgent to think about new processes of education and development of the subject and culture. Even more in the context of the Sars-Cov-2 Syndemia, where the sanitary and economic crisis has increased gender asymmetries, with a decrease in the participation of women in the formal labor market, the burden of unpaid care and the escalation of violence and of femicide. Therefore, is it possible to change these realities at the level of the subject and culture? Guided by this reflection, this paper proposes a dialogue between different concepts, through a literature

review, with the aim of elucidating male chauvinist aspects present in culture and their implications on the constitution of people and the limitation of desires. We use Judith Butler's discussions about gender (2019), also evoking the conceptualization of culture and social relations described by Freud in "Civilization and Its Discontents" (1930) among other publications. As a glimpse of changes, a parallel is drawn between the psychoanalytic method of talking cure, developed by Freud, with the emergence of a feminist epistemology at the social and educational level defended by Margareth Rago (2019), where the encouragement of valuing written works from the perspective of feminisms, they can drive us to overcome sexism that cause suffering to the individual and society, contributing to the construction of new references of humanity and respect, through a feminist culture.

Keywords: Feminist Pedagogy. Feminist Epistemology. Civilization and Its Discontents. Patriarchal Culture. Gender.

Introdução

O machismo é constituinte da nossa cultura, essencialmente patriarcal, e isso pode ser comprovado nos trágicos fatos do cotidiano, marcado pelo sangue de muitas mulheres. E no contexto da sindemia do SARS COV 2ⁱ, que exigiu mudanças severas em todos os níveis de relações sociais em 2020, percebemos o quanto a crise sanitária e econômica relegou às mulheres uma posição de vulnerabilidade ainda maior. A assimetrias de gênero voltaram a se acentuar, com um retrocesso nos direitos sociais e trabalhistas, expresso na diminuição da participação feminina no mercado de trabalho formal, na sobrecarga do cuidado não-remunerado e na agudização da violência e dos feminicídios.

O machismo é estrutural e isso significa que em nosso cotidiano é comum expressarmos uma sempre presente presunção de mundo pautada em parâmetros heterossexuais e masculinos, a permearem a nossa compreensão da realidade, constituindo, assim, nossas referências nas relações sociais e estabelecendo limites para a atuação dos nossos corpos, dos nossos desejos. No entanto, é possível mudar isso a nível do sujeito e da cultura?

Na busca por responder esta questão, este artigo faz uma revisão bibliográfica com o objetivo de lançar luz sobre os aspectos machistas presentes na cultura patriarcal e suas implicações sobre a constituição das identidades e da limitação dos desejos. Recorremos às discussões sobre gênero, de Judith Butler (2019), evocando também a conceituação de cultura e das relações sociais descritas por Freud em O Mal Estar na Civilização (1930) e outras obras do autor. Como vislumbre de possibilidade de mudanças, é traçado um paralelo entre o método psicanalítico da cura pelas palavras, desenvolvido por Freud, com a propositura de valorização de uma epistemologia feminista a nível social defendida por Margareth Rago (2019).

Esse trabalho surge como uma reflexão urgente sobre a necessidade de darmos vazão e valorizarmos as vozes da diversidade e assim impulsionar novas narrativas com o potencial de mudar, paulatinamente, nossa cultura ocidental tão calcada no machismo, na violência e na invisibilização de mulheres e das minorias. Ler mulheres, promover a literatura e poética feminina nas salas de aula, referenciar a ciência produzida sob a ótica feminista, pode ser uma alternativa de resistência e reelaboração das relações da humanidade, uma pedagogia feminista a ser desenvolvida a longo prazo, por intermédio de uma cultura produzida por mulher, a ser valorizada nos conteúdos de ensino.

O Mal Estar na Cultura Patriarcal e as Assimetrias de Gênero

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud discorre sobre temas importantes para a constituição da psiquê humana e também sobre a vida em sociedade. O autor se debruça sobre a busca da felicidade e o sofrimento impingido pela cultura, posto que há uma regulação dos desejos, afinal para ele a cultura é

a inteira soma de realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si (FREUD, 1930, p. 33).

Essa regulamentação se dá por meio das imposições da cultura, que acabam tornado o ser humano infeliz por ter que negar seus instintos em prol de um bem comum. Sobre isso, Freud (1930) afirma que “o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 1930, p. 52). Mas vivendo em uma cultura patriarcal, onde a atuação dos sujeitos na sociedade baseia-se numa dicotomia entre masculino e feminino, sendo o feminino subalternizado, devemos nos questionar: Felicidade para quem? Segurança para quem?

Aqui, faz-se mister delimitar que a compreensão do patriarcado, neste artigo, situa-se enquanto sistema de dominação histórico e social, onde o poder masculino está em posição de dominação e valorização em relação ao feminino.

Ao discorrer sobre as diferenças entre os sexos, Freud (1930) afirma que o desenvolvimento sexual de ambos se dá de forma diversa, tanto biologicamente quanto psicologicamente, e para a mulher significa também a descoberta do que falta e o desejo nunca realizado de possuir um falo (FREUD, 1930). Em outro texto, falando sobre esta noção feminina da falta do pênis, Freud (1931) afirma ainda que “com a percepção da natureza geral

dessa característica negativa há uma grande desvalorização da feminilidade” (FREUD, 1931, p. 210), o que pressupõe a existência de uma desigualdade e subalternização na percepção do feminino.

Mas o que faz um homem ser homem e uma mulher ser mulher? Para a filósofa Judith Butler (2019, p. 44), essa “heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea”, além de estigmatizar toda a diversidade sexual que supera esta dualidade.

Essas assimetrias estão manifestas na cultura, essencialmente patriarcal, em que

pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao modelo de homem branco heterossexual civilizado do Primeiro Mundo, deixando de lado todos aqueles que escapam deste padrão referencial. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, e o mundo privado é considerado de menor importância diante da esfera pública no imaginário ocidental (RAGO, 2019, p. 124).

Diante do exposto, é possível entender como se faz urgente a promoção de novas lógicas discursivas de forma a criar novas referências para o imaginário social. Há escritoras feministas têm se aplicado a isso, calcando-se na compreensão em que o passado precisa “ser reinterrogado a partir de novos olhares e problematizações, por meio de outras categorias interpretativas, criadas fora da estrutura falocêntrica especular” (RAGO, 2019, p. 132).

O viés patriarcal em nossa cultura já estava consolidado socialmente quando nascemos,. Mas a cultura não é estática, muito menos imutável. Sobre essas mudanças possíveis de percepção e ação que acontecem progressivamente a nível do indivíduo e, também, da cultura, Freud (1930) aponta que

As mudanças psíquicas que acompanham o processo cultural são evidentes e inequívocas. Elas consistem no progressivo deslocamento dos objetivos instintuais e na restrição dos impulsos instintuais. Sensações que eram prazerosas para nossos antepassados se tornaram indiferentes e até mesmo desagradáveis para nós; existem razões orgânicas para que nossos ideais éticos e estéticos tenham mudado. Duas parecem ser as mais importantes características psicológicas da cultura: o fortalecimento do intelecto, que começa a dominar a vida instintual, e a internalização da tendência à agressividade, com todas as suas consequências vantajosas e perigosas (FREUD, 1930, p. 248).

Precisamos reconhecer que cada vez mais têm emergido questionamentos sociais em defesa dos direitos das mulheres e que há uma busca por construir e promover novas narrativas que valorizem a diversidade, a despeito de correntes de pensamento que consideram os

determinismos biológicos como superiores. Mas ainda há muito o que avançar no campo da educação e das artes quando se trata de referenciar e valorizar a obra de mulheres.

A discussão é, consideravelmente recente, e segundo a historiadora Margareth Rago (2019) “apenas nas últimas décadas, passou-se a falar incisivamente em imaginário social nas representações sociais e em subjetividade, e para tanto, a história precisou buscar aproximações com a antropologia, psicanálise e literatura” (RAGO, 2019, p. 134).

Prosseguiremos nossa reflexão, recorrendo aos primórdios do método psicanalítico, cuja centralidade estava na associação livre manifestada por meio da fala, cuja origem decorreu da escuta do sujeito que sofre. Para tanto, foi realizada uma livre associação com o método psicanalítico da Cura pela Fala, expressão calcada por uma das pacientes de Freud (1893-1895) sob o pseudônimo de Anna O., com uma possibilidade de melhorias a nível do sujeito e também social por meio da valorização das falas feministas na educação.

A Cura pela Fala com a Leitura de Mulheres: A Importância de Promover Referências Feministas na Cultura e na Educação

Diante da possibilidade de uma nova perspectiva através de narrativas que rompam com um certo patriarcalismo cultural e a hegemonia masculina na produção de conhecimento, por que não falarmos em curas ao nível do imaginário social, quando são os grupos oprimidos historicamente que elevam sua voz para falar sobre seu sofrimento, suas lutas, sua dignidade e sua compreensão de mundo? O chileno Juan Flores (2014) discorre sobre a dimensão social da psicanálise, afirmando que:

O compromisso da psicanálise com o mundo social e político, sua capacidade de iluminar a dinâmica histórica a partir do inconsciente do sujeito, de promover a construção de conceitos e práticas operativas que colaborem para diminuir o sofrimento social juntamente com o individual: parece ser esse o caminho que o psicanalista pode percorrer (FLORES, 2014).

Na análise clínica de viés psicanalítico, o paciente lê suas lembranças. Logo, será que se incentivarmos a leitura das narrativas produzidas por mulheres, também não estaríamos incentivando a leitura de uma lembrança coletiva, que a princípio pode até não ser reconhecida como própria do sujeito que a lê, mas que o constitui enquanto ser social?

A partir dessa hipótese, foi traçado um paralelo com o método psicanalítico da cura pela fala, mencionada na obra Estudos sobre a Histeria, na qual Freud afirma: “por fim seus distúrbios da fala foram ‘removidos pela fala’” (FREUD, 1893-1895, p.54). E que acabou por dar origem ao método psicanalítico da livre associação. Cabe aqui a ênfase de que neste artigo,

este método psicanalítico é tomado como inspiração de ação, não com o rigor da prática clínica, mas sim como forma de incentivo à fala, à interpretação e a rememoração da história coletiva vivida como potencial de promover a cura do sujeito social, vislumbrando que

se a sociedade está implicada no sujeito, fala por meio dele e manifesta nele seus sintomas, também o “sintoma social”, o “mal-estar estrutural”, há de se apresentar de maneira distorcida. Sendo assim, para devolver ao reprimido seu lugar em uma teoria da história, será necessário desentranhar os caminhos – subjetivos e sociais – pelos quais essa repressão circula entre os homens e os elementos que a ancoram em uma ou outra ribeira (FLORES, 2014).

Leila Longo (2011), ao falar sobre a importância da linguagem para Freud e a psicanálise, nos conta que o autor “estende o sentido da fala: observa que ela significa a expressão do pensamento por palavras, gestos, escrita, enfim, todos os métodos pelos quais a atividade mental pode ser expressa” (LONGO, 2011, p. 25).

Segundo Margareth Rago (2019), é “a partir de uma luta política que nasce uma linguagem feminista” (RAGO, 2019, p. 127). É da luta por direitos, pela defesa de sua vida, de seus sonhos, de não estar mais na posição de sexo-frágil. São vozes com potencial de promover novas reflexões, significados e compreensões de mundo, aliviando os sofrimentos dos sujeitos, sendo catártico, não apenas para aquelas que as disseram/escreveram (as autoras), mas também para aquelas e aqueles que as lerão e as usarão como referência ou como embasamento teórico, desenvolvendo mudanças na cultura, a elaboração de uma cultura feminista.

Sobre as convergências possíveis entre os processos de desenvolvimento cultural e individual, Freud (1930) aponta que ao

olharmos a relação entre o processo cultural da humanidade e o processo de desenvolvimento ou educação do indivíduo, sem muito hesitar decidiremos que ambos são de natureza muito parecida, se não forem o mesmo processo realizado em objetos diferentes. [...] Mas, tendo em vista a semelhança dos fins — num caso, a integração de um indivíduo num grupo humano; no outro, a criação de uma unidade coletiva a partir de muitos indivíduos —, não pode nos surpreender a similaridade dos meios empregados e dos fenômenos advindos. [...] O processo de desenvolvimento individual pode então ter traços especiais, que não se repetem no processo cultural humano; é apenas na medida em que o primeiro desses processos tem por meta a incorporação na comunidade que ele necessariamente coincide com o segundo (FREUD, 1930, p. 74).

Ao trazer para o título deste artigo a *hashtag* #LeiaMulheres objetivou-se aludir a um movimento coletivo que surgiu em 2014, onde a escritora britânica Joanna Walsh lançou uma campanha nas redes sociais cujo título foi #readwomen2014, em português #leiamulheres2014, incentivando o aumento da leitura de obras de escritoras em todo o mundoⁱⁱ e, também,

escancarando a invisibilidade em que muitas autoras mulheres ainda se encontram nos currículos escolares e acadêmicos, mas também no mercado editorial, quando na adoção de seus trabalhos como obras de referência.

Ao olharmos para os números reais, é possível enxergar o quanto essas disparidades são acachapantes. Segundo a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012), há uma disparidade quando se trata de publicações entre homens e mulheres. A autora analisou um total de 258 romances brasileiros com 165 autores, publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco no período entre 1990 e 2004, e identificou várias situações relacionadas a assimetrias de gênero, racismo, entre outras situações que devem ser encaradas como abomináveis. Destaco os seguintes números:

chama a atenção o fato de que os homens são quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%. Não é possível dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos). Há um indício que sugere que a proporção entre escritores homens e mulheres não é exclusividade das maiores editoras. Uma relação de 130 romances brasileiros lançados em 2004, organizada para um prêmio literário, indica apenas 31 títulos escritos por mulheres, isto é, 23,8%, número bem próximo ao alcançado pela pesquisa. É uma evolução pequena, quando se compara com o período 1965-1979, que foi alvo de levantamento similar. Entre os autores dos romances da época publicados por Civilização Brasileira e José Olympio, então as principais editoras, apenas 17,4% são de mulheres (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 191).

Mas o que significa recorrer às narrativas feministas para a compreensão da história, da ciência e da cultura? Pode significar a contestação de uma escassez de vozes femininas contando sobre a humanidade, reconhecendo que, até agora, essa falta “não se tratava afinal de um simples esquecimento das mulheres de um campo neutro e objetivo de conhecimentos: ‘sua amnésia é estratégica e serve para assegurar as bases patriarcais do conhecimento’” (GROSZ, 1993, p. 206, *apud* RAGO, 2019, p. 128). Além disso, é incentivar que as mulheres, nos mais variados níveis de formação educacional, ocupem cada vez mais lugares sociais dominados historicamente pelo masculino, fortalecendo redes de apoio e construindo novos caminhos para a humanidade. Sobre isso, Margareth Rago afirma que:

Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas e que permitem entender as origens de crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização (2019, p. 132).

Logo, promover uma cultura feminista é investir em uma perspectiva que “desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das

diferenças sexuais” (RAGO, 2019, p. 125). É, portanto, uma forma de abarcar e valorizar as diferenças do ser e estar no mundo, valorizar as diversidades, já que “reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 177).

Sobre isto, Judith Butler (2019) afirma que “a possibilidade de outra linguagem ou economia significativa é a única chance de fugir da ‘marca’ do gênero, que para o feminino, nada mais é que obliteração misógina do sexo feminino” (BUTLER, 2019, p. 58)

Olhando para alguns exemplos práticos já em curso no País, Margareth Rago (2019) fala sobre como o olhar feminista pode ser importante para a educação, para a ciência e para a cultura, a saber:

Sem dúvida alguma, os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido dos mais criativos e instigantes. O olhar feminista permite reler a história da colonização no Brasil, no século XVI, a exemplo do que realiza a historiadora Tânia Navarro Swain, desconstruindo as imagens e representações elaboradas pelos viajantes indígenas, sobre a sexualidade das mulheres, supostamente feras e promíscuas, instituindo sua amoralidade. Em um excelente trabalho genealógico, a historiadora revela como os documentos foram apropriados e reinterpretados pela historiografia masculina, por meio de conceitos extremamente misóginos, cristalizando imagens profundamente negativas a respeito dos primeiros habitantes da terra, considerados para sempre incivilizados e incapazes de cidadania” (RAGO, 2019, p. 135-136).

Por fim, enaltecer a voz de pessoas silenciadas, no caso, das mulheres, ao relacionarmos a força das narrativas feministas ao método da cura pela fala, é lembrarmos-nos sobre o quanto o silenciamento é também uma forma de violência contra o indivíduo e contra a sociedade. Como um povo poderá se libertar ou sublimar comportamentos que levam ao sofrimento e a violência contra as mulheres e aos diversos gêneros suplantados pela cultura machista, sem conhecer a sua história, sem acessar suas memórias coletivas para aprender com seu passado em vistas de um novo futuro? Logo, ler as obras escritas por mulheres, valorizar a ciência produzida pelo feminino e pelas feministas tem potencial para ajudar indivíduos e, também a sociedade, a passarem de um estado de mal-estar extremo causado pelo machismo intrínseco, a um estado de respeito à vida e aos desejos que todas, todos e todes carregamos em nós.

Considerações finais

As discussões sobre cultura, psicanálise e patriarcado são muito mais abrangentes do que as formuladas aqui. Neste breve artigo, o objetivo foi promover uma reflexão inicial sobre

como certos aspectos da cultura, como o machismo estrutural, podem gerar sofrimento psíquico. São nestes aspectos que se originam e se perpetuam as violências em diversos graus, desde a intelectual à física, contra as mulheres e a população LGBTQIA+ⁱⁱⁱ, e é categórico que busquemos promover mudanças culturais para transformar esta realidade tão cruel e criminosa.

Ao apresentar uma solução de longo prazo, como a emergência de uma cultura feminista, estabeleceu-se um paralelo com o potencial do método da cura pela fala psicanalítica, ainda que como inspiração não como prática clínica, com o incentivo à leitura de obras feministas. Através da linguagem, tão valorizada por Freud, é possível promover novas referências no imaginário coletivo, ainda que de forma processual e lenta, amenizando o sofrimento dos sujeitos e também as recorrentes barbáries.

Será possível uma cultura do respeito à diversidade, da valorização do cuidado como prática de todos e da liberdade sexual? Eu acredito que sim e que através de novas referências, vamos desconstruindo os preconceitos e o ódio ao diverso. Como pesquisadora feminista e ligada a educação, reafirmo que é preciso recorrermos aos autores clássicos, sim, mas também sempre buscarmos novas referências autorais de forma a ampliar nossa compreensão a respeito da diversidade que há no mundo. Este é um meio certo para abrir espaços e garantir que lugares de fala sejam valorizados, para que nem nas situações do cotidiano, nem em situações extremadas, as assimetrias e a violência de gênero pareçam “escolhas possíveis” para nenhum ator social.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 18 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

FLORES, Juan. O processo de cura e sua dimensão social. **Reverso - Revista de Psicanálise**. Belo Horizonte: v. 36, no. 68, dez. de 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000200007. Acessado em: 12 jun 2021.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). *In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O Mal Estar na Civilização (1930). *In: Obras Completas (1930-1936)*. [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). *In: Obras Completas (1930-1936)*. [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. *In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org). Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ⁱ O Sars-COV-2 é o vírus causador da doença Covid 19, surgindo no final de 2019, em Wuhan, na China, e que desencadeou uma pandemia, causando milhares de mortes em todo o planeta. Sua abrangência foi denominada posteriormente como sindemia, porque a letalidade do vírus é agravada por uma associação de fatores biológicos, econômicos, sociais e políticos, que precisam ser observados no tratamento.

ⁱⁱ Breve descrição histórica, elaborada a partir das informações no site do Clube de Leitura Leia Mulheres, no Brasil. Disponível no link: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>

ⁱⁱⁱ LGBTQIA+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Transgêneros, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli e mais. Também é o movimento político e social que defende a diversidade e busca de mais representatividade e direitos para a comunidade.